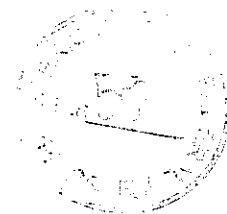
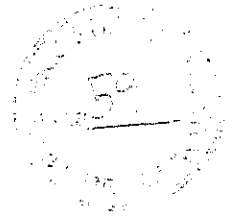


**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**



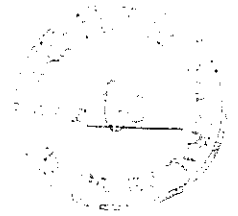
**TERMO DE DECLARAÇÕES**

Aos 29 dias do mês de janeiro de 2014, compareceu espontaneamente a esta Procuradoria da República a Senhora Cecília Maria Bouças Coimbra, brasileira, portadora do RG n.º 1780 (CRP/RJ), inscrita no CPF sob o nº 626326717-87 domiciliada na Praia de Botafogo, nº 22, apartamento 502, Botafogo, cep. 22250040, e telefones 21-999996858, 21-2553-5751, a qual após ser advertida do seu dever de falar a verdade, sob pena de responder pelo crime de falso testemunho, prestou o seguinte depoimento: a declarante foi presa no dia 26 de agosto de 1970 por uma equipe do Dops do Rio de Janeiro. Naquele mês o embaixador alemão havia sido sequestrado e através de uma denúncia anônima os agentes da repressão chegaram até a casa onde a declarante morava com seu marido e seu filho de 03 anos. A declarante não teve nenhuma participação no sequestro do embaixador alemão, mas participava do grupo que fornecia infraestrutura para o MR8, que era a organização envolvida com o sequestro do embaixador americano, meses antes. A repressão suspeitava que a declarante também tinha envolvimento com o sequestro do embaixador alemão e por isso a prendeu. Após ser presa a declarante foi levada ao Dops, na Rua da Relação, onde permaneceu por dois dias. De lá foi levada ao DOI-CODI, na Rua Barão de Mesquita, onde permaneceu presa até o dia 11 de novembro de 1970. Um dos agentes responsáveis por sua prisão foi Jair Gonçalves da Mota, que era inspetor da Polícia Federal e que estava lotado no Dops. Tal agente participou de seu primeiro interrogatório no DOI. Na delegacia, a declarante sofreu tortura psicológica, queriam saber a origem de um documento que havia sido apreendido com ela. Já no DOI, a declarante foi também fisicamente torturada. Sabe informar que integravam a equipe de interrogatório/tortura no DOI, os agentes Riscala Corbage,



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Luís Timóteo de Lima e um sargento negro e baixo, que era muito violento. Recorda-se que Riscala operava a máquina de eletrochoques. A declarante também foi interrogada, mas não fisicamente torturada, por um agente de nome Alfredo Magalhães que era do CENIMAR. Alfredo parecia estar encarregado da investigação do sequestro do embaixador alemão. Recorda-se que também o major Demiurgo integrava a estrutura do DOI. Ele era uma espécie de "relações públicas", e disse uma vez para a declarante: "sua mãe esteve aqui hoje, continuamos falando que não sabemos onde você está". Olhando algumas fotografias que lhe foram apresentadas, a declarante também reconhece a imagem de Rubens Paim Sampaio. Recorda-se de ter visto tal pessoa conversando com Riscala Corbage e Luís Timóteo Lima em uma vez que estava sendo interrogada/torturada. Nesta ocasião, estava sentada em uma cadeira comum com fios elétricos ligados ao seu corpo. A declarante acredita que havia uma separação funcional entre o DOI e o batalhão de Polícia do Exército que também funcionava na Rua Barão de Mesquita. A declarante percebia que havia certas áreas em que a PE não tinha autorização para entrar. No pelotão de investigações criminais onde esteve presa, a guarda era feita por soldados de Santa Catarina, por isso apelidados de "catarinas". Um desses catarinas disse para a declarante que ao entrarem lá recebiam treinamento e que tinham a ordem de não comentar nada do que viam no DOI. A declarante acredita que na sua época ainda havia presos militares comuns recolhidos no PIC. A declarante recorda de ter visto também o capitão Ailton Guimarães Jorge nas dependências do DOI, mas ele não participou diretamente de suas sessões de tortura. Havia também um japonês, magro e baixo, que integrava a estrutura do DOI, mas não sabe dizer o seu nome. A declarante é testemunha do sequestro do desaparecido político Jorge Leal Gonçalves. A respeito desta vítima sabe informar que, no mês de outubro, após uma das sessões de interrogatório, estava sendo levada de volta para a sua cela quando cruzou com Jorge, que estava sendo levado para ser interrogado/torturado pela mesma equipe que interrogou/torturou a declarante. Não conhecia Jorge antes, nem sabia seu nome, mas depois reconheceu o desaparecido através de foto. Na ocasião que o viu, Jorge já estava muito machucado e com o rosto e braços cheios de hematomas. Ele tinha que ser carregado pelos agentes, pois não tinha forças para andar por si próprio. Mesmo assim, estava sendo levado para ser novamente interrogado. Nessa ocasião, a declarante afirma que a equipe era composta por Luís Timóteo de Lima, Riscala Corbage e pelo sargento negro baixo que acredita que talvez possa ser Marco Antonio Polvorelli, suposto braço direito do capitão Guimarães. Não sabe informar quem é o ex-presos político Marco Antonio Machado de Mello referido no caso de Jorge Leal Gonçalves. A declarante mantém contato com os familiares de Jorge, a viúva chama-se Ana Neri e os filhos Luís (fone: 982778200) e Rosa (fone: 996053894). A declarante é também testemunha da presença de Eduardo Leite no DOI do Rio de Janeiro. Informa que em uma das vezes em que pediu para um dos guardas acender um cigarro, viu Eduardo Leite ser carregado por dois agentes. Ele já estava muito machucado, até muito mais do que Jorge. Perguntou para o soldado o nome do preso e ele respondeu: Bacuri. As torturas infligidas a declarante duraram de 4 a 7 dias e incluíram choques elétricos em várias partes do corpo, principalmente ouvido, nariz, boca, vagina e ânus e a colocação de um jacaré sobre o seu corpo nu. Houve também uma simulação de fuzilamento. Nesta



**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**  
**PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

oportunidade, a declarante apresenta uma cópia do seu depoimento enviado às Comissões Nacional e Estadual da Verdade. A declarante ainda deseja acrescentar que Luís Timóteo de Lima lhe disse em uma das ocasiões em que estava sendo torturada: "nesta sala matamos Mario Alves".

Encerrado.

Eu, Viviane Magno, Assessora, digitei o presente termo.

Cecília Coimbra  
Depoente

Sergio Gardenghi Sulama  
Procurador da República